

LENDO AS CIRCUNSTANCIAS: RAUL SEIXAS E CULTURA

DÍLSON CÉSAR DEVIDES (E.E. MARISTELA CAROLINA MELLIN).

Resumo

Esta comunicação é uma apresentação da dissertação 30 anos de Rock: Raul Seixas e a cultura brasileira defendida no curso de Mestrado em Letras no CPTL/UFMS. Nela exponho a síntese das ideias discutidas no corpo da dissertação. Para a inserção de Seixas como intelectual que pensa seu tempo, minimizando a imagem negativa de zombeteiro, mesmo sendo essas características próprias da obra desse compositor, que por meio delas pretendia alcançar uma ampla faixa da sociedade. Para tal inclusão, primeiramente fez-se uma análise das letras de música de Seixas que tratavam do período ditatorial no Brasil durante a década de 1970. Constatou-se que esse pensador não só criticava o regime de exceção, no que tange ao cerceamento de opinião e de liberdade, como também as questões políticas, econômicas e sociais da época. No segundo momento, buscou-se ler algumas composições que discorriam sobre a religiosidade, verificando que, para esse pensador, questões maniqueístas não eram bem aceitas, pois privilegiava a força humana e defendia o livre arbítrio (afastando conotações bíblicas). Na terceira e última etapa, procurou-se estabelecer ligações entre Seixas e discussões contemporâneas, tais como: o mercado cultural, a cultura de massa, sendo aqui possível perceber que Seixas estava já no limiar entre a cultura de massa e a erudita, e que não ignorava assuntos referentes ao mercado, mas se mantinha de fora, criticando principalmente o consumo; o Brasil do fim do regime militar – pela comparação de três composições (Aluga –se; Brasil e Que país é esse), pode-se notar que Seixas estava atento a essa mudança da mesma forma que os compositores mais atuais; a presença de Paulo Coelho na obra de Seixas, evidenciando que as letras compostas em parceria com o escritor são de cunho espiritualista e místico, enquanto as composições exclusivas de Seixas tendem ao materialismo e ao racionalismo.

Palavras-chave:

RaulSeixas, Cultura, Estudos culturais.

O intelectual é, enfim, aquele que tenta infatigavelmente construir a si mesmo e a todas as coisas através de atos articulados do espírito.

Adauto Novaes

Os ditados populares refletem (ou deveriam refletir) o pensamento coletivo de determinada época e povo. Contrariá-los não é tarefa fácil, uma vez que estão arraigados de tal forma em nossos costumes que nem paramos para pensar se ainda são válidos e verdadeiros. A primeira impressão é a que fica, não deve mais ser aplicada a Raul Seixas! A imagem de roqueiro bêbado e transviado, que falava o que pensava e provocava os governantes e a sociedade, não será facilmente apagada da memória daqueles que vêem o rock apenas como barulheira de guitarras elétricas e cantos gritados e desafinados. No entanto, a inclusão de compositores da MPB, tais como Chico Buarque e Caetano Veloso, no roll dos poetas nos permite também incluir a figura controversa de Seixas.

Quando, em meu quarto de adolescente, ouvia as músicas de Seixas, não sabia que estava ouvindo também um pouco de História, de Filosofia enfim, de cultura; não

conseguia ver a época, que estava diante de discussões as quais ainda hoje tenho certa dificuldade de entender, mas que de alguma forma serviram para nortear meu trabalho de mestrado.

Da idéia inicial de tentar compreender o que Seixas pensava da ditadura militar e como expressava tais opiniões em suas composições, ao que resultou a dissertação, acredito que seja possível fazer algumas considerações.

Primeiramente, com o passar dos meses e um mergulho mais a fundo na obra do compositor baiano, começou-se a desmascarar os vidros que constituem a redoma que protege o ídolo, mostrando assim, a figura de um pensador que, longe de ser apenas contestador e insurreto, era alguém que vivia o que pensava e, principalmente, pensava o que vivia. Assim sendo, ficaria difícil tratar apenas do período de exceção, até mesmo porque tal período tem diversas ramificações que podem levar a discussões bastante distintas. Nesse momento os textos trabalhados nas disciplinas do curso foram de fundamental importância, uma vez que possibilitaram uma abertura considerável em meu horizonte teórico. Foi através deles e das valiosas contribuições dos professores e dos colegas de curso que pude vislumbrar outras possibilidades de abordagem que não poderiam ser esquecidas ou ignoradas, ainda que esta postura múltipla acarretasse que nenhuma das vertentes trabalhadas fosse estudada completamente, até mesmo por que, seria muita pretensão esgotar obra tão vasta e rica em um trabalho tão sucinto.

Finda a dissertação, mesmo não terminado o trabalho, creio que seja pertinente afirmar que os anos 70 do século passado foram os mais importantes para a obra de Seixas. Provavelmente por ter sido um momento tão tempestuoso e que trouxe mudanças importantes para o País, foi por essa época que o compositor baiano produziu o melhor de seu trabalho, e também porque, na década de 80 tenha se entregado ao alcoolismo que o consumiu até a sua morte em 1989. Mesmo assim, teve forças para lançar discos (como *A panela do diabo*, em parceria com Marcelo Nova) que já não traziam o mesmo vigor crítico de anos anteriores, mas ainda assim com boa vendagem.

Os ditames dos militares foram estopim para grandes clássicos da música brasileira (Metrô linha 743, *A mosca*, *Sociedade Alternativa*) e a partir deles Seixas pode desferir parte de seu veneno, composto por ironia acre, deboche matreiro e linguagem simples, em concentrações diferentes, mas sempre perigosas e folgazonas.

Apenas pelo primeiro capítulo já é possível desfazer a imagem de roqueiro alienado. Seixas não perdia a oportunidade de alfinetar os governantes e incitar seu público a se mexer e não aceitar a tudo calado. Por anos minimizadas e desvalorizadas poeticamente ante letras de Chico, Gil e outros, suas composições são bons documentos poéticos sobre a censura e a repressão, e se têm modos diferentes de se expressar, mais palatável ao grande público e por isso mais acessível, não implica dizer que têm menor valor artístico. Assim como a obra dos canonizados acima mencionados, na obra de Seixas "[...] poesia e vida se casavam promovendo uma prática que, longe de ser pacífica, tentava com vigor crítico algumas respostas ao momento negro que experimentávamos [década de 1970]." (Hollanda, 2000: 186).

Mas qual não foi minha surpresa quando percebi que em diversas de suas letras, Seixas tratava de temas religiosos. Ainda que fosse compreensível abordar a religiosidade oriental, tão em voga na década de 1970, surpreende o fato de um cantor comumente associado à magia e, até mesmo, ao satanismo, dialogar em canções de fácil acesso e algumas de grande sucesso junto ao público (*Gitã*, *O trem*

das 7, Judas, DDI), temas caros ao cristianismo, como o pecado, o fim do mundo e a presença e existência de entidades demoníacas.

Essa temática não poderia passar incólume, ela merecia uma atenção especial e a recebeu no segundo capítulo. Foi possível constatar que Seixas é detentor de um conhecimento enciclopédico, suas canções trazem um misto de personalidades históricas e bíblicas que se entrecruzam por vielas poéticas que desembocam em livre associações de idéias capazes de levar o leitor/ouvinte um pouco mais atento, a vislumbrar uma biblioteca de informações que dá à obra do roqueiro um status de erudição marota e falsamente descuidada e involuntária. Engana-se, no entanto, quem pensa que as discussões religiosas de Seixas são pacíficas e tranqüilizadoras, pelo contrário. Elas tentam evidenciar uma postura crítica ante tal tema, um posicionamento que não aceita tudo e que indaga as verdades religiosas e místicas.

Na verdade, mesmo ocupando-se de um assunto tão delicado como este, Seixas não deixa de lado o modo pelo qual ficou marcado na história da cultura brasileira, ele utiliza a religiosidade para cutucar aqueles acomodados que esperam que as soluções para seus problemas caiam do céu e sem que façam algum esforço. Seixas busca desmistificar as figuras simbólicas da devoção a fim de que recaia sobre o homem a responsabilidade por seus atos e, principalmente, que parte dele a iniciativa de conquistar o que deseja. Não parece exagerado dizer que para Seixas "[...] la aspiración de toda práctica intelectual [seria]: desestabilizar las certidumbres abriendo caminos para el pensamiento y la acción." (Pérsica, 1997:72). Duvidar da verdade absoluta, descerrando-se os olhos e a mente para uma instabilidade sábia de não se acomodar, desta forma, entendendo ação por mover-se, não permanecer parado a espera de que os problemas se resolvam por obra divina.

O que pretendo deixar claro com isso é que, mais uma vez, a obra de Seixas permite constatar que sua imagem de Maluco Beleza se deve mais a suas atitudes intempestivas e insólitas (pelo menos ao público acostumado à Bossa Nova e aos shows com banquinhos e violões) do que a suas composições propriamente ditas. O que falta para muitos, é perceber que ele se expressava, mais que poeticamente, de modo filosófico e reflexivo, e que as atitudes nos palcos fazem parte do personagem de roqueiro fã de Elvis Presley e saído do seio de família tradicional da Bahia, que necessitava romper com as amarras culturais que poderiam tê-lo levado muito mais para os acordes dissonantes de João Gilberto que para os sons estridentes das guitarras.

Ainda uma terceira tentativa de apagar a imagem de desajuizado de Seixas se deu quando, provocado pelas disciplinas do curso a produzir textos que dialogassem com o contemporâneo, observei que a obra do baiano também dava conta desta tarefa.

Primeiramente, notei que a partir das canções de Seixas poderia abordar questões como consumo, mercado cultural e cultura de massa. O discurso raulseixista contempla tais aspectos e mostra que para ele o consumo nada mais era que um reflexo dos tempos de franca industrialização e intercâmbio cultural (principalmente com os Estados Unidos) e que o fato de as pessoas importarem-se mais com a quantidade do que com a necessidade, mostra que são seres de pouca opinião e facilmente influenciáveis, o que para Seixas era o mesmo que abdicar de seus próprios sentimentos e vontades em nome de uma pretensa liberdade de escolha. Mesmo tendo alcançado um amplo público, de diversas faixas etárias e sociais, Seixas não se deixou levar pela onda de produzir música de consumo, é certo que ele tinha na sua forma corrente de compor e interpretar, uma facilidade e uma

sensibilidade de conquistar os ouvintes, no entanto, ao que me parece, Seixas não participava de projetos com os quais não se identificava.

Isso pode ser comprovado se pensarmos na parceria que teve com Paulo Coelho. Parceria essa que foi interrompida e reatada sempre em tom de mistério, biografias e fofocas a parte, pude constatar que há divergências de pensamento entre Coelho e Seixas, e que talvez esse tenha sido um dos motivos que os levaram a distanciarem-se. Seixas conviveu com as idéias esotéricas e místicas de Coelho, em certa harmonia, mas quando essa concordância terminou, acabou também associação. Não quero com isso dizer que Seixas sempre concordou e convergiu com o pensamento de Coelho, até mesmo porque há letras compostas por ambos nas quais se percebe não uma mudança de posicionamento, mas sim uma mudança de olhar para algo. Seixas era muito mais factual e realista que Coelho, que ainda hoje em seus romances, mostra-se mais espiritualista e asceta.

E para entrar de vez na década de 1980, não foi surpresa perceber que a obra de Seixas ecoaria por entre os compositores mais novos como Cazuza e Renato Russo. Nos anos de abertura política, Seixas não apresentou a mesma criticidade, ainda assim pude estabelecer um diálogo entre uma de suas canções (Aluga-se) com outras dos compositores acima referidos (Brasil e Que país é esse). Mesmo sendo apenas um, creio que o exemplo serve para demonstrar como a argúcia de Seixas marcaria as gerações futuras, que mesmo tendo pontos culminantes de crítica (principalmente com Russo e Cazuza), não alcançou tão vasta relação de significados e com linguagem tão propositadamente debochada quanto Seixas.

Na inexorabilidade cruel do tempo, Seixas jamais foi esquecido, entretanto, parece que há uma tendência a perpetuidade de sua figura como representante de uma época que tinha por um lado os hippies que viraram moda e o amor livre que se transformou em bandeira para muitos, do outro, a ditadura militar e sua repressão à liberdade de expressão; sendo Seixas então uma miscelânea caleidoscópica de influências e recepção muito diversas e várias, e por isso mesmo, de pouco mérito intelectual e/ou artístico.

O que espero ter conseguido alcançar com esse trabalho é contribuir para uma desmistificação da imagem de Seixas. Maluco beleza sim, mas alguém que não se senta para esperar a morte chegar e, tampouco, crê em verdades absolutas e não tem medo ou vergonha de tentar outra vez, mesmo que esteja na cidade de cabeça pra baixo justamente no dia em que a Terra parou. Até mesmo porque "o intelectual moderno possui uma disposição dinâmica e encontra-se perenemente preparado para rever suas opiniões e começar de novo [...]". (Mannheim, 2001: 92).

Seixas é pensador digno de ser respeitado como tal, e de ser criticado e estudado com rigor científico que as ciências sociais e humanas nos permitem manusear. Talvez assim, surja mais um intelectual que como tantos outros, incompreendidos ou desacreditados a seu tempo (Augusto dos Anjos, Gregório de Matos), venha a figurar num lugar de destaque dentre a intelectualidade brasileira.

Referências bibliográficas

HOLLANDA, Heloisa Buarque. Depois do poemão. In: GASPARI, ELIO. et alli. *Cultura em trânsito: da repressão à abertura*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, 2000. 186-190.

MANNHEIN, KARL. O problema da "intelligentsia": um estudo de seu papel no passado e no presente. In: _____. *Sociologia da cultura*. São Paulo: Perspectiva, 2001. (Coleção Estudos).

NOVAES, Adauto. O que é o intelectual? Disponível em: [uns_de_cultura/cultura_e_pensamento/index.php?p=10433&more=1&c=1&pb=1](http://www.uns_de_cultura/cultura_e_pensamento/index.php?p=10433&more=1&c=1&pb=1) >. Acesso em: 14 mar. 2007.

PÉRSICA, A.R. Intelectuales hoy: ni afitriones ni turistas. In: ANTELO, Raul; et alli. *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: ABRALIC/Letras contemporâneas, 1997. 71-78.